

Mercado de trabalho

Mercado de trabalho na RMPA: queda da ocupação aumenta o desemprego*

André Luiz Leite Chaves

Economista, Pesquisador da FEE e Professor da FAPA

Neste artigo, é apresentado um balanço do desempenho do mercado de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) nos primeiros cinco meses de 2006. Na análise da ocupação, do desemprego e dos rendimentos, procura-se destacar a diferença entre os comportamentos do início do ano até o mês de maio, quando se observou um cenário econômico com os juros básicos em trajetória cadente, embora em níveis elevados, o câmbio valorizado e uma inflação controlada. Também, quando relevante, se utilizam comparações anuais.

Tomando-se como referência o nível de ocupação, o mercado de trabalho na RMPA apresentou, até agora, um desempenho esperado, que é o de queda, principalmente ao se comparar o comportamento do nível ocupacional nos primeiros meses do ano com os dos anos anteriores em que a Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre (PED-RMPA) foi realizada.

Contudo, devido à intensidade da queda do nível ocupacional ocorrida de fevereiro a abril, o mercado de trabalho da RMPA mostrou piores resultados nesse período do que os apresentados nos nove anos anteriores. Com o desempenho da ocupação, a taxa de desemprego situou-se, a partir do mês de março, num patamar mais elevado do que o observado no mesmo período do ano anterior.

Quanto aos rendimentos médios reais, seu comportamento, nesse intervalo de tempo, mostrou um movimento favorável. Considerando-se a variação no ano, até o mês de abril, tanto o rendimento médio real como o salário registraram um crescimento acumulado de 1,3%.

Queda da ocupação

Em relação ao nível de ocupação, os dados dos primeiros meses do ano surpreenderam negativamente, em que pese ser um período usual para a redução da ocupação.¹ Foi expressiva a eliminação de postos de trabalho ocorrida de fevereiro a abril (-49 mil ocupações), constituindo-se no pior desempenho para o período desde o início da Pesquisa. O comportamento da evolução temporal do nível de ocupação, visualizado no Gráfico 1, chama atenção para o fato de a diferença em relação ao mesmo mês do ano anterior tornar-se cada vez menor, resultado do ritmo acentuado da queda: enquanto o nível de ocupação, de janeiro a maio de 2006, decresceu 3,0%, em relação ao mesmo período de 2005, o decréscimo foi de 1,3%.

A ocupação por setor de atividade também demonstrou, no período, um comportamento distinto do ocorrido em 2005, conforme se visualiza no Gráfico 2.

A indústria de transformação foi o único setor a apresentar uma pequena criação líquida de vagas no acumulado de 2006, com duas mil ocupações. Em termos do comportamento ao longo desse período, a indústria intercalou variações negativas em fevereiro e abril, com variações positivas em março e maio, conforme mostra a Tabela 1.

Nos outros setores, a eliminação de postos de trabalho foi generalizada. O setor serviços, que, no mesmo período do ano passado, tinha criado 11 mil ocupações, foi o que mais eliminou no início de 2006 (-31 mil ocupações). O setor iniciou o ano com um desempenho negativo até março, acumulando uma queda de 4,4%, para, em abril, apresentar uma variação positiva de 0,7% e estabilidade em maio.

* Artigo recebido em 13 jul. 2006.

¹ A PED-RMPA sempre registrou queda da ocupação no mês de março.

O comércio foi outro setor que eliminou ocupações (-6 mil) nos primeiros meses de 2006, um pouco menos que os 7 mil eliminados no ano passado. Porém, ao contrário dos serviços, iniciou o ano com variações positivas, com um crescimento de 1,4% em janeiro e de 2,4% em fevereiro, para depois apresentar quedas sucessivas do seu nível ocupacional, representando uma perda acumulada de 6,5% entre março e maio de 2006.

Por outro lado, a construção civil sofreu a maior perda relativa do nível ocupacional no acumulado deste ano (-8,5%). Apesar de ter iniciado o ano com forte aumento, no mês de março esse setor passou a extinguir postos de trabalho, atingindo, em maio, uma variação negativa acumulada de 7,5%. Já os serviços domésticos extinguiram mil ocupações, ante a perda de 12 mil ocupações no mesmo período do ano passado.

Apesar de o nível da ocupação total encolher 2,9% nos primeiros meses de 2006, período em que os fatores sazonais, como já foi dito, tornavam lícito esperar uma retração do emprego, encontram-se, quando analisada a desagregação por tipo de vínculo empregatício, sinais positivos na conjuntura adversa do mercado de trabalho. Houve, no início de 2006, uma continuidade na capacidade do setor privado de criar postos de trabalho assalariados. Considerando os cinco primeiros meses de 2006, só houve criação de vagas para os trabalhadores assalariados do setor privado (de 25 mil para os com carteira assinada e de 2 mil para os sem registro em carteira), em paralelo a uma expressiva redução dos demais postos de trabalhos desprotegidos, acrescido da redução do assalariamento no setor público, que apresentou quedas sucessivas no primeiro quadrimestre de 2006. Das 72 mil ocupações perdidas no período (60 mil empregos informais e 12 mil assalariados no setor público), 45,8% foram de autônomos (-33 mil), e 34,7%, de ocupados na categoria outros (-26 mil).

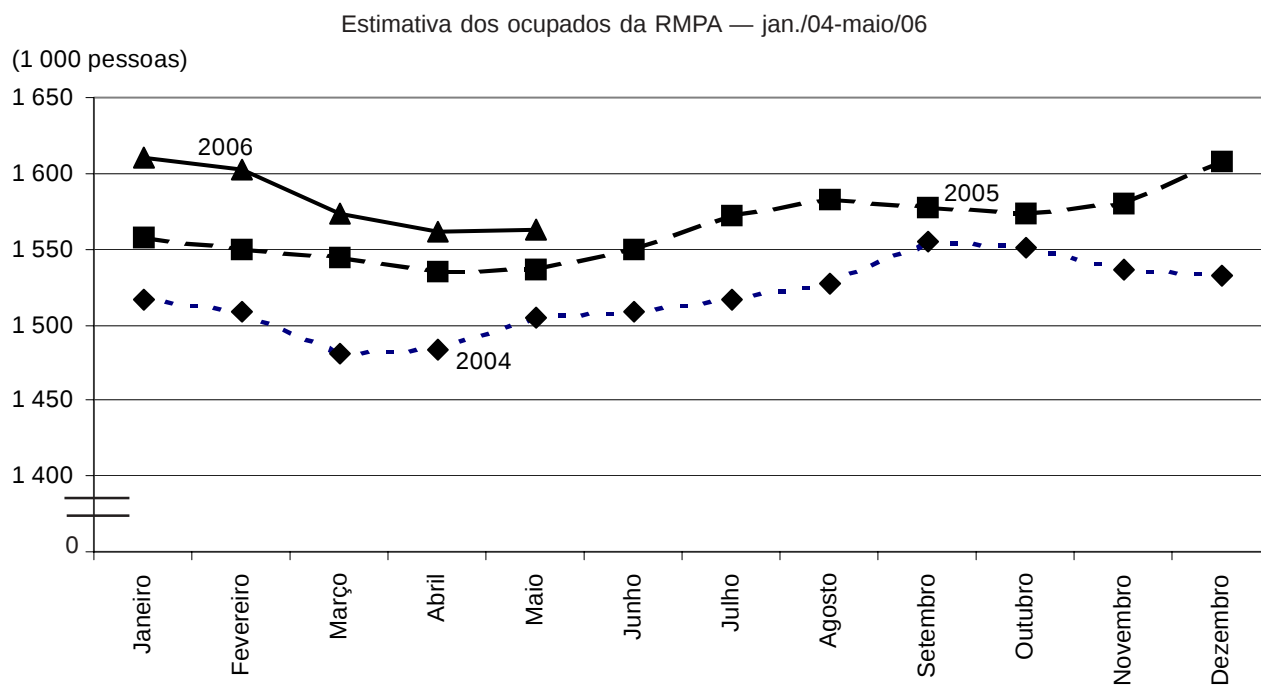
Uma tendência que vem se verificando em 2006 foi a queda do nível de emprego para o grupo de trabalhadores autônomos e na categoria outros — que engloba empregadores, profissionais universitários autônomos, donos de negócio familiar, etc. O primeiro grupo apresentou quedas substanciais nos meses de fevereiro, março e maio, que não foram compensadas pelos aumentos apresentados em janeiro e abril, totalizando um decréscimo acumulado do nível ocupacional, no período, de 11,7%. Já a categoria outros apresentou quedas sucessivas nesses cinco primeiros meses do ano, acumulando uma redução, no nível ocupacional, de 16,2%. O desempenho desses dois segmentos implicou uma perda absoluta de 59 mil postos de trabalho em termos líquidos (Tabela 2).

Em relação à composição da força de trabalho ocupada, o declínio desses dois contingentes de trabalhadores é ainda um pouco mais pronunciado: no final do ano passado, esse grupo formado pelos autônomos e pela categoria outros respondia por 27,2% da ocupação total, participação esta que declinou para 24,2% no mês de maio do corrente ano.

Com esses movimentos, a participação dos trabalhadores com carteira do setor privado ante o total de ocupados manteve-se acima da registrada no mesmo período de 2005. O grau de formalidade², considerando o conjunto de trabalhadores do setor privado, governo, autônomos e trabalhadores domésticos, registrou elevação de 56,6% para 59,1% no primeiro trimestre deste ano, evolução esta consideravelmente superior à registrada no mesmo período de 2005 (de 56,1% para 58,2%) — Gráfico 3.

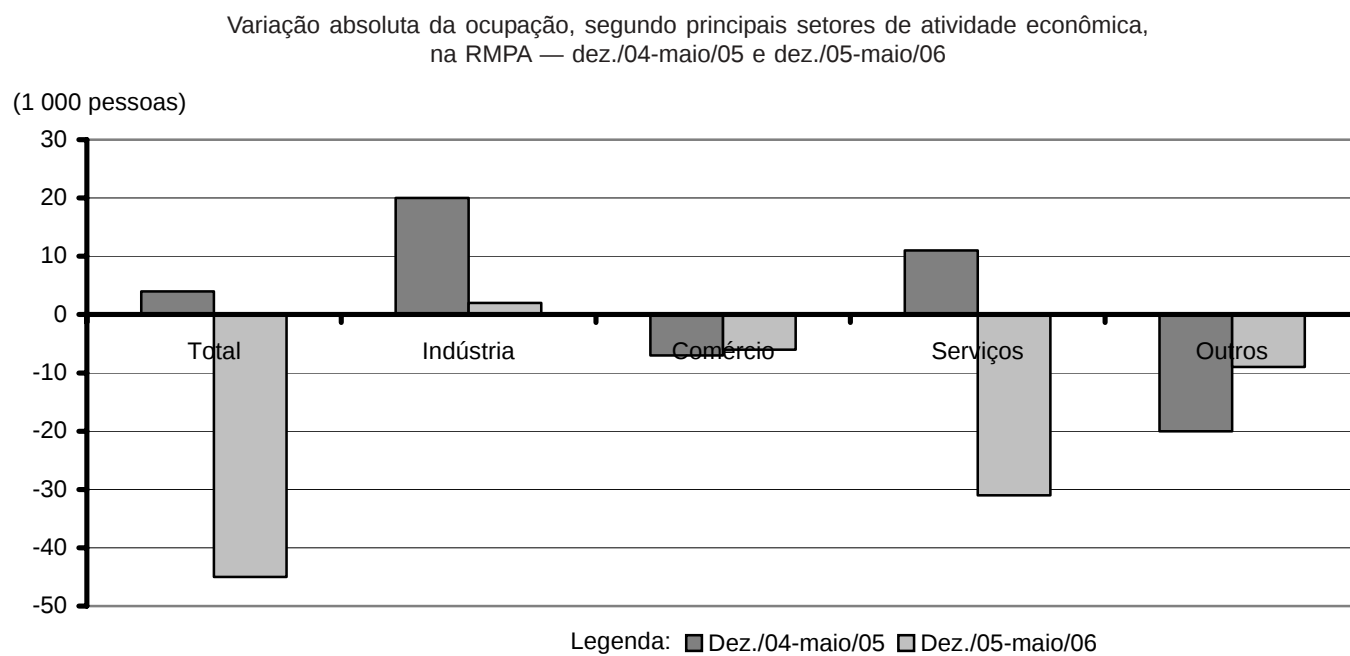
² Conceitua-se aqui como grau de formalidade a soma dos trabalhadores com carteira no setor privado com os trabalhadores no setor público dividida pelo número total de ocupados.

Gráfico1



FONTE: PED-RMPA.

Gráfico 2



FONTE: PED-RMPA.

Tabela 1

Variação da ocupação, por setor de atividade, na RMPA — jan.-maio/05 e jan.-maio/06

(%)

PERÍODOS	INDÚSTRIA		COMÉRCIO		SERVIÇOS		CONSTRUÇÃO CIVIL		SERVIÇOS DOMÉSTICOS	
	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005
Janeiro	0,0	5,4	1,4	1,1	-1,3	0,6	9,8	-1,2	1,9	0,0
Fevereiro	-1,0	3,4	2,9	0,4	-1,3	-1,9	1,1	2,5	-2,7	-1,8
Março	0,7	3,0	-1,8	-0,8	-1,8	-1,0	-8,8	0,0	-3,7	-3,7
Abril	-1,7	-1,3	-2,1	0,0	0,7	0,8	-6,0	2,6	-0,9	-5,9
Maio	2,3	-3,2	-2,5	-3,4	0,0	3,0	-3,8	4,1	3,9	0,0
No ano	0,4	7,2	-2,2	-2,6	-3,7	1,4	-8,5	-7,5	-1,8	-11,0

FONTE: PED-RMPA.

Tabela 2

Variação da ocupação, por tipo de vínculo empregatício, na RMPA – jan.-maio/05 e jan.-maio/06

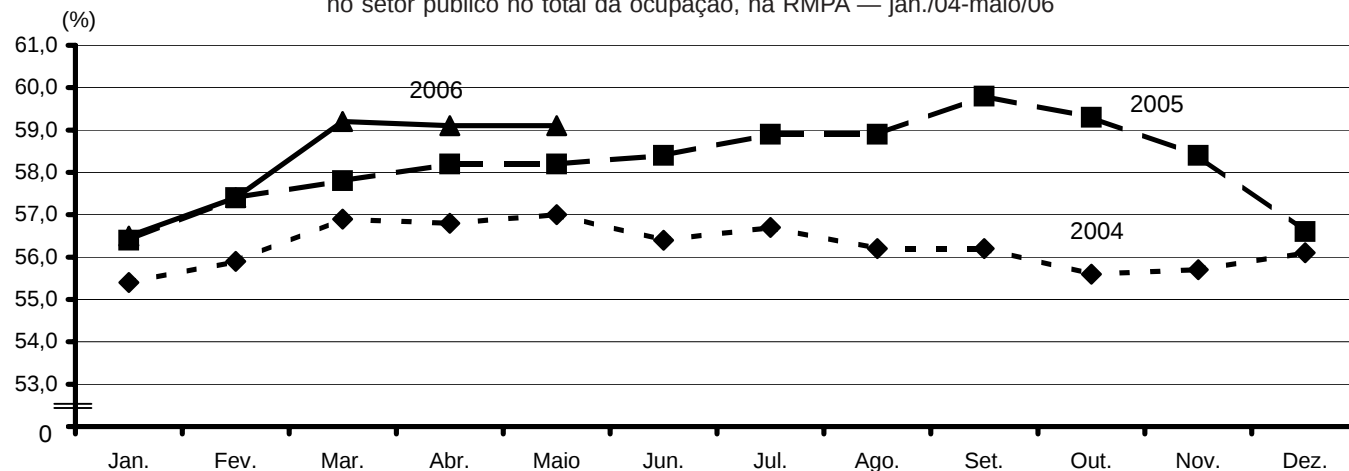
(%)

PERÍODOS	ASSALARIADOS														AUTÔNOMOS	OUTROS
	TOTAL		Setor Público		Setor Privado											
					Total		Com carteira assinada		Sem carteira assinada							
2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005			
Janeiro	-0,3	1,2	-1,0	-0,4	0,0	1,6	0,2	3,0	-0,7	-4,5	2,4	4,4	-2,6	0,0		
Fevereiro	0,7	0,3	-0,5	-3,7	0,9	1,2	1,5	2,4	-2,0	-4,7	-2,0	-1,0	-4,0	-4,4		
Março	0,8	0,1	-4,2	-3,8	1,8	0,9	2,6	1,4	-2,0	-1,5	-8,8	-1,8	-6,3	1,5		
Abril	-0,7	0,0	-0,6	2,3	-0,7	-0,4	-1,0	-0,4	0,6	-0,7	0,3	-1,8	-2,9	2,3		
Maio	0,8	-0,1	0,0	3,3	1,0	-0,9	0,2	-0,8	5,6	-1,5	-3,8	-0,3	-1,5	2,9		
No ano	1,4	1,5	-6,2	-2,6	3,1	2,5	3,5	5,8	1,3	-12,2	-11,7	-0,7	-16,2	2,2		

FONTE: PED-RMPA.

Gráfico 3

Participação dos trabalhadores com registro em carteira no setor privado e dos trabalhadores no setor público no total da ocupação, na RMPA — jan./04-maio/06



FONTE: PED-RMPA.

Cresce o desemprego

No que diz respeito à situação do desemprego nos primeiros meses de 2006, a taxa de desemprego total apresentou um forte crescimento, passando de 13,7% em dezembro de 2005 para 15,4% em maio último. Mesmo sendo um movimento sazonal de início de ano, esse foi o período em que a taxa de desemprego mais cresceu nos três últimos anos, ultrapassando os patamares dos mesmos meses de 2005, mas ficando em níveis menores dos respectivos meses de 2004.

Conforme pode ser observado no Gráfico 4, que mostra a evolução da taxa de desemprego total, esta começou o ano com uma variação negativa, para depois crescer continuamente até abril, acumulando um aumento de 2,2 pontos percentuais, sendo o maior crescimento para o período desde o verificado em 1998. Tal aumento representou uma variação considerável: de 1,7 ponto percentual desde dezembro do ano passado e de 0,5 ponto percentual em relação a maio de 2005.

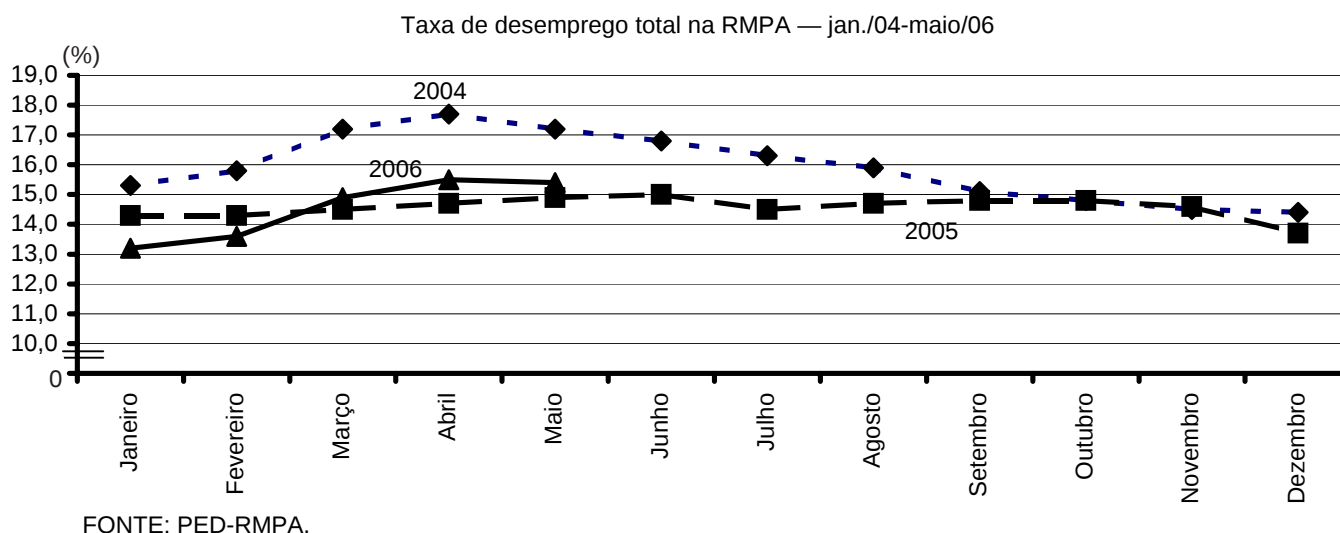
Ao contrário do verificado nos cinco anos anteriores, em 2006 o comportamento da taxa de participação³ não colaborou para o crescimento do desemprego nesse período, mas, sim, para que ele não atingisse patamares ainda maiores aos verificados, uma vez que ela apresentou uma queda nos primeiros meses de 2006, passando de 57,5% em dezembro de 2005 para 56,7% em maio de 2006. Dessa forma, o comportamento da taxa

de desemprego observado nos primeiros cinco meses deste anos encontra, na análise da procura de mão-de-obra, as razões para a tendência ascendente apresentada. De fato, ao analisar-se o Gráfico 5, observa-se que as variações do nível de ocupação foram as únicas determinantes do crescimento do desemprego. As maiores variações do contingente de desempregados coincidiram com as maiores quedas da ocupação, e as variações negativas do contingente da População Economicamente Ativa serviram para amenizar o crescimento do desemprego.

A análise da taxa de desemprego segundo suas componentes mostra que o desempenho da taxa de desemprego total refletiu, nos dois primeiros meses do ano, a evolução da taxa de desemprego aberto, uma vez que a taxa de desemprego oculto não variou, conforme se observa no Gráfico 6. Já nos meses de março e abril, essas duas taxas contribuíram para o crescimento da taxa de desemprego total. Porém, no mês de maio, a queda registrada na taxa de desemprego oculto foi determinante para a variação negativa da taxa de desemprego total, uma vez que a taxa de desemprego aberto continuou crescendo.

As variações registradas nas taxas de desemprego aberto e oculto nos meses de março e abril fizeram com que o nível de desemprego atingisse, a partir de março, patamar superior ao verificado em 2005.

Gráfico 4

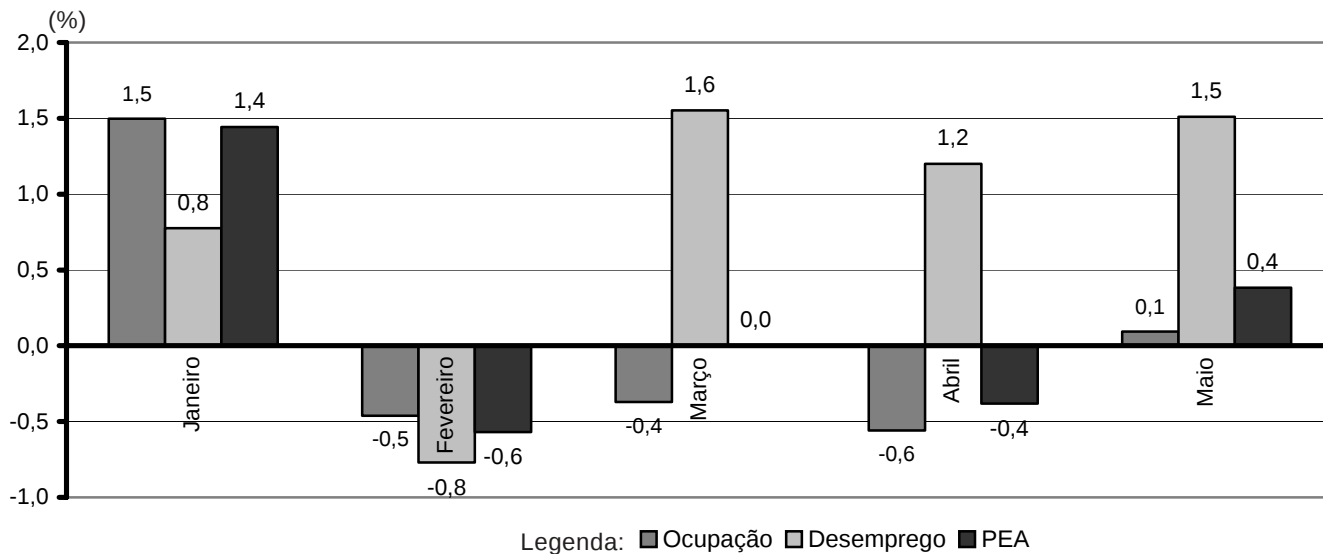


³ A taxa de participação é a relação entre a População Economicamente Ativa e a População em Idade Ativa (PEA/PIA) e indica

a proporção de pessoas com 10 anos e mais incorporada ao mercado de trabalho como ocupada ou desempregada.

Gráfico 5

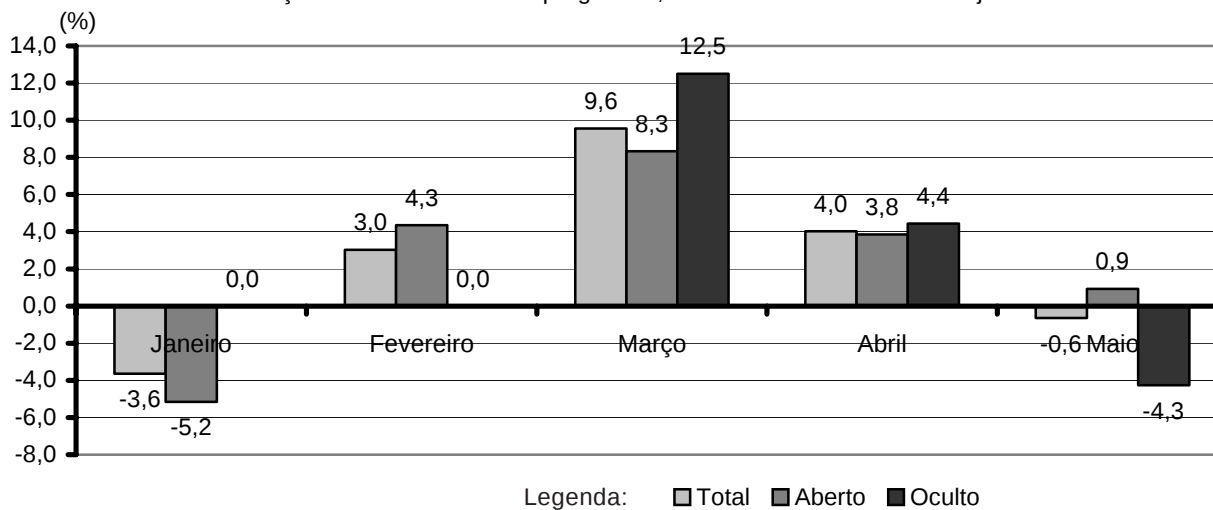
Variação do número de ocupados, de desempregados e da População Economicamente Ativa na RMPA — jan.-maio/06



FONTE: PEA-RMPA.

Gráfico 6

Variação das taxas de desemprego total, aberto e oculto na RMPA — jan.-maio/06



FONTE: PEA-RMPA.

Cresce o rendimento

No que diz respeito à evolução dos rendimentos médios reais, os resultados dos primeiros quatro meses de 2006 mostram um movimento favorável. Apesar de iniciarem o ano com variações negativas, tanto o rendimento médio real como o salário médio real registraram, nos meses subsequentes, variações positivas, correspondendo a um crescimento acumulado, entre fevereiro e abril, de 1,7% para a primeira remuneração e de 2,2% para a segunda. Considerando-se a variação no ano (entre dez./05 e abr./06), ambos os rendimentos apresentaram um crescimento⁴ de 1,3% (Gráfico 7).

O crescimento do salário médio real deveu-se, principalmente, ao comportamento desse indicador no setor público, que evidenciou aumento de 4,3% e apresentou variações positivas nos primeiros meses de 2006. No setor privado, esse indicador registrou crescimento relativamente menor (1,6%).

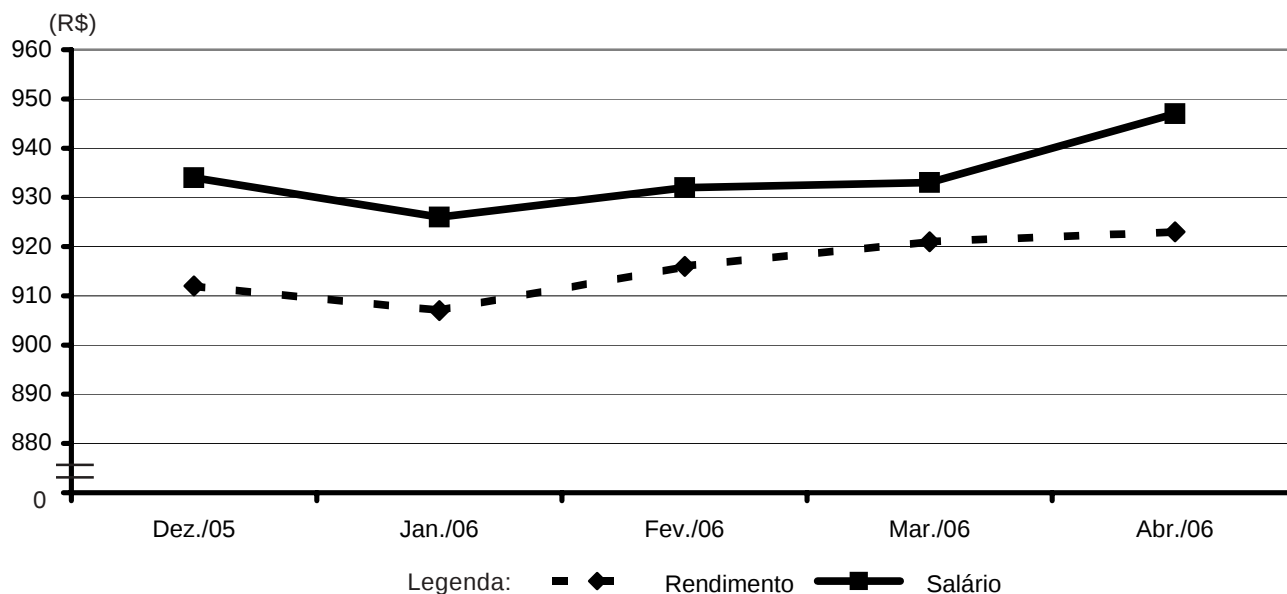
Em relação à evolução dos salários médios reais pelos diferentes setores de atividade, observa-se que

somente os trabalhadores da indústria de transformação chegaram a abril de 2006 com ganhos em relação a dez./05 (Inf. PED, 2006), resultado de variações positivas em quase todos os meses, com exceção de março, que permaneceu constante. Os contingentes de trabalhadores que tiveram perdas foram os do comércio e os dos serviços. O primeiro grupo apresentou uma perda de 4,8% no salário médio real, consequência de variações negativas sucessivas nos três últimos meses. Já os trabalhadores do setor de serviços tiveram uma perda menor (-0,8%), uma vez que as quedas verificadas no salário médio real, nos meses de janeiro e março, superaram pouco os acréscimos registrados em fevereiro e abril.

A análise dos rendimentos dos assalariados, segundo a regulamentação do contrato de trabalho, mostrou crescimento de 1,3% no salário médio real para os trabalhadores com carteira de trabalho assinada e de 5,3% para os sem carteira na comparação entre dez./05 e abr./06. Salienta-se, para o último grupo, uma tendência de crescimento verificada desde setembro do ano passado.

Gráfico 7

Evolução do rendimento e do salário médio real na RMPA — dez./05-abr./06



FONTE: PED-RMPA

NOTA: O inflator utilizado foi o IPC-IEPE; valores em reais de abr./06.

⁴ Contribuíram para o crescimento dos rendimentos as deflações verificadas pelo IPC-IEPE nos meses de fevereiro e março de 2006.

Tabela 3

Variação do salário médio real, segundo o setor de atividade econômica e o registro em carteira de trabalho, na RMPA — jan.-abr./06

(%)

PERÍODOS	TOTAL	ASSALARIADOS NO SETOR PRIVADO						ASSALARIADOS NO SETOR PÚBLICO
		Total	Setor de Atividade			Carteira de Trabalho		
			Indústria	Comércio	Serviços	Com	Sem	
Janeiro	-0,9	-1,0	2,0	0,8	-3,4	-1,1	0,0	0,6
Fevereiro	0,7	1,1	1,2	-1,4	0,8	0,7	2,9	1,5
Março	0,1	-0,4	0,0	-4,0	-0,5	-0,3	-1,7	1,8
Abril	1,4	2,0	1,6	-0,2	2,3	2,1	4,2	0,3
No ano	1,3	1,6	4,9	-4,8	-0,8	1,3	5,3	4,3

FONTE: PED-RMPA.

NOTA: O inflator utilizado foi o IPC-IEPE.

Considerações finais

Os primeiros meses de 2006 mostraram um cenário econômico mais favorável para o País que o de 2005. A divulgação do Produto Interno Bruto (PIB) do primeiro trimestre de 2006 mostrou um crescimento de 3,4% sobre o mesmo trimestre do ano anterior. Em maio, a produção industrial cresceu 4,8%, e o crescimento acumulado de janeiro a maio do corrente ano foi de 3,3%. Segundo a **Pesquisa Industrial Mensal da Produção Física**, do IBGE, o crescimento foi identificado em 12 dos 14 estados pesquisados. Entretanto o resultado da produção industrial gaúcha foi uma das exceções, com uma queda de 3,2% no acumulado no ano. Segundo a Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul, a redução da renda no campo, em consequência da seca do ano passado, que afetou negativamente todo o agronegócio, a valorização cambial, os juros ainda elevados, embora com trajetória cadente, e a questão do repasse do crédito do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) aos exportadores são as principais razões para as dificuldades enfrentadas, o que faz com que a atividade fabril no Estado permaneça num ciclo recessivo que já dura 15 meses.

Esse cenário adverso para o Rio Grande do Sul rebateu no mercado de trabalho da RMPA, determinando um quadro desfavorável, com queda da ocupação e aumento das taxas de desemprego. Uma perspectiva mais otimista para o restante do ano passa, necessariamente,

te, pela reversão do desempenho da economia gaúcha. Se isso se concretizar, haverá reflexos positivos para os indicadores do mercado de trabalho metropolitano. Como a ocupação costuma reagir com o crescimento do nível de atividade, não está descartada a possibilidade de que, nos próximos meses, haja uma melhoria em seu desempenho. O provável crescimento da ocupação poderá refletir positivamente na taxa de desemprego, fazendo-a tomar uma trajetória de queda e voltar a exibir valores abaixo dos verificados nos mesmos meses de 2005. A maior demanda por mão-de-obra poderá incentivar um maior aquecimento do mercado de trabalho da Região no restante do ano, com a retomada da expansão da ocupação e do progresso dos empregos formais no setor privado. Os rendimentos reais deverão permanecer em trajetória de crescimento, com algumas interrupções ao longo do ano, continuando a tendência ascendente iniciada em fevereiro.

Referências

FEDERAÇÃO E CENTRO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL — FIERGS. **Indústria gaúcha volta a cair em maio**. Disponível em: <http://www.fiergs.org.br/noti31.htm> Acesso em: 10 abr. 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA — IBGE. **Em maio, indústria cresce em 12 dos quatorze locais pesquisados.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> Acesso em: 10 abr. 2006.

INFORME PED. Porto Alegre: FEE, v. 13, n. esp., jan. 2005.

INFORME PED. Porto Alegre: FEE, v. 15, n. 5, maio 2006.